

Memes e o recorte cômico da pandemia de COVID-19

Memes and the comic clipping of the COVID-19 pandemic

Memes y el recorte cómico de la pandemia de COVID-19

Márcio Antônio Gatti

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar/Brasil)

RESUMO

Este artigo analisa aspectos da enunciação de memes que circularam no período inicial da pandemia de COVID-19 no Brasil. Valendo-se do conceito de “cenas de enunciação”, analisa a cenografia dos textos como a cena de relevância, aspecto importante das enunciações típicas da Internet. Além disso, analisa os textos oferecendo uma interpretação do modo como eles recortam comicamente o momento histórico da pandemia. É, portanto, ao mesmo tempo, um trabalho que promove aplicação teórica e que pretende contribuir com a compreensão do período específico a que os textos selecionados fazem referência. Seleciona para isso, memes diversos, mas intensifica as análises naqueles que ficaram conhecidos como “Dráuzio sincero”.

PALAVRAS-CHAVE: Memes; COVID-19; Cenografia; Humor.

ABSTRACT

This paper analyzes aspects of the enunciation of memes that circulated in the initial period of the COVID-19 pandemic in Brazil. Making use of the concept of “scenes of enunciation”, it analyzes the scenography of the texts as the scene of relevance, an important aspect of typical Internet enunciation. In addition, it analyzes the texts by offering an interpretation of how these texts comically cut out the historical moment of the pandemic. It is, therefore, at the same time, a work that promotes theoretical application and that aims to contribute to the understanding of the specific period to which the selected texts

* Sobre o autor ver página 104-105.



refer. For this, it selects different memes, but intensifies the analysis of those who are called "Dráuzio sincero (sincere)".

KEYWORDS: Memes; COVID-19; Scenography; Humor.

RESUMEN

Este artículo analiza aspectos de la enunciación de memes que circularon en el período inicial de la pandemia COVID-19 en Brasil. Utilizando el concepto de "escenas de enunciación", analiza la escenografía de los textos como escena de relevancia, aspecto importante de los enunciados típicos de Internet. Además, analiza los textos ofreciendo una interpretación de cómo ellos recortan cómicamente el momento histórico de la pandemia. Es, por tanto, al mismo tiempo, un trabajo que promueve la aplicación teórica y que pretende contribuir a la comprensión del período específico al que se refieren los textos seleccionados. Para eso, selecciona distintos memes, pero intensifica el análisis en aquellos que se dieron a conocer como "Dráuzio sincero".

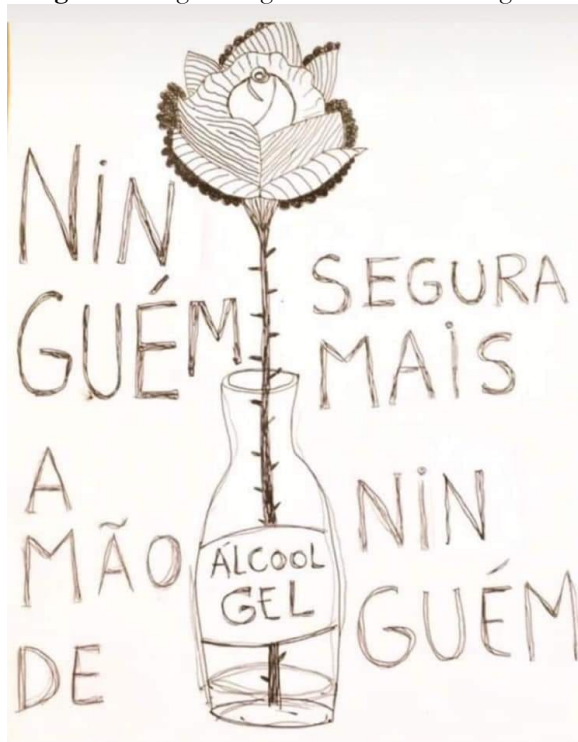
PALABRAS-CLAVE: Meme; COVID-19; Escenografía; Humor.

1 Introdução

Se há algo comum entre os memes é que, tal qual um vírus, eles se espalham com enorme velocidade e proliferam ainda mais a cada novo compartilhamento. No Brasil, no início da pandemia de COVID-19¹, um grande número de memes passou a circular nas diversas redes sociais digitais com a velocidade digna da pandemia à qual faziam referência. Este artigo abordará esta peculiar enunciação no contexto da pandemia.

Em geral, um meme retoma um enunciado ou elementos dele, inserindo novas informações, subvertendo sentidos e transformando-se em um novo enunciado, de caráter cômico. Podemos encontrar memes que retomam uma enunciação e se estabelecem como enunciados únicos, já que não há proliferação de outros que seguem a mesma fórmula utilizada nele, embora este circule de modo intenso, por um determinado tempo, como qualquer outro. Um exemplo é apresentado na figura 1, a seguir, que reformula um enunciado que circulou intensamente em redes sociais logo após a eleição de Jair Bolsonaro como presidente da República em 2018. Dado o caráter autoritário do eleito, bem como seu discurso de ultra direita, grupos de esquerda, minorias e outros grupos sociais diversos que pressentiam algum tipo de perseguição por sua posição política, ideológica ou mesmo por sua etnia ou orientação sexual passaram, à época, a circular o enunciado "Ninguém solta a mão de ninguém", que ainda contava com o desenho de uma flor (a mesma que está no meme) e de duas mãos dadas que se sobrepunham à flor.

¹ Refiro-me ao início da pandemia, pois os dados aqui analisados circularam e foram coletados nos meses de março e abril do ano de 2020.

Figura 1. Ninguém segura mais a mão de ninguém²

Fonte: Recebida em grupo do WhatsApp.

E há os que se caracterizam por ser um fenômeno de reprodução de um procedimento de retomada e de repetição, isto é, são produzidos inúmeros memes que repetem uma mesma frase, uma mesma figura ou ainda as duas coisas. O sentido do meme e os efeitos gerados por ele, entre eles o humorístico, dependem fundamentalmente dessa repetição e seu sucesso comunicativo acaba se retroalimentando da própria produção de novos memes que seguem o padrão formulaico. Trata-se de enunciados cuja principal característica é a repetição de um formato prévio ou de um outro enunciado ao(s) qual(is) se associa uma nova informação.

Este artigo pretende produzir, tendo estas informações prévias ressaltadas, um trabalho duplo: o de compreender aspectos da enunciação dos memes, valendo-se do conceito de cenas de enunciação (MAINGUENEAU, 2004; 2015), e o de interpretar alguns memes de um período específico, analisando como estes recortam o momento histórico “pandemia de COVID-19” tomando elementos desse período como cômicos.

² Segundo matéria do G1 (<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/eleicoes/2018/noticia/2018/10/29/ninguem-solta-a-mao-de-ninguem-desenho-que-viralizou-no-pais-e-criacao-de-mineira.ghtml>), acesso em 06 ag.2020), a autoria é da tatuadora Thereza Nardelli. No meme, além da alteração do teor da escrita, as mãos dão lugar ao álcool gel.

2 Memes da Pandemia: o recorte do social pela via do cômico

A pandemia de COVID-19 demorou a chegar à América Latina. No início do ano de 2020, líamos e ouvíamos notícias alarmantes vindas de partes da Ásia e da Europa. Era chocante que oitocentas pessoas morressem diariamente na Itália. Todos ficavam consternados³.

Chegados os primeiros casos ao Brasil, logo o vírus se espalhou. Assim que se constatou a transmissão comunitária do vírus, algumas esferas de governo passaram a tomar medidas de distanciamento social. Escolas e comércio logo foram fechados, por exemplo. E rapidamente, como o vírus, memes se amontoaram nas redes sociais, como este:

Figura 2. Em um isolamento sério



Fonte: Postagem recolhida no Facebook (www.facebook.com)

A figura representa um dos tipos de meme que passaram a surgir no período: os que mostravam um conteúdo voltado às questões do cotidiano impostas pelas medidas de distanciamento social. O enunciado retomado é “em um relacionamento sério”, uma das possibilidades que o Facebook fornece ao usuário para que mostre em seu perfil que está se relacionando amorosamente. A figura 2 parodia o *status* dessa rede social, mantendo todos os elementos (figura do coração, tipo de fonte, cores...), alterando somente a palavra “relacionamento”, o que confere ao texto uma similaridade que conduz a uma leitura que remete ao enunciado original.

No geral, os memes se ocuparam fortemente das questões cotidianas, mas há os que tematizaram outros aspectos, em especial, políticos:

³ No momento em que escrevo este artigo, colecionamos a média de mais de mil mortes diárias em nosso país provocadas por COVID-19. E parece que não nos consternamos mais.

Figura 3. Bolsonaro protegendo o Brasil



Fonte: Postagem recolhida no Facebook.

Há inúmeras versões deste meme em circulação. Geralmente, as munições e armas que caem sobre a criança que representa o Brasil na figura 3 estão do lado invertido. Isto faz com que o soldado se torne um escudo. No caso em tela, ao representar Bolsonaro, o personagem assume um papel nulo, embora caracterizado como um soldado que poderia/deveria proteger o Brasil.

Há diversos efeitos de sentido que se podem descobrir analisando essa figura. Pode-se, por exemplo, observar que a posição de braços abertos lembra também um crucifixo, além da figura de um soldado. Assim, associada à ineficiência das ações governamentais para o controle da pandemia, bem como aos componentes religioso e militar que integram o governo, a figura é ainda mais crítica: a proteção, para a atual administração federal, é da ordem da crença, não da ação.

Voltando à problemática da enunciação dos memes, a diversidade (composicional, temática, semiótica...) das figuras reproduzidas aqui nos ajuda a compreender por que, ao trabalhar com memes, opera-se geralmente com um problema conceitual: o que é mesmo um meme? Esse é uma questão comum, pois se trata de uma manifestação verbo-visual que assume diversas formas. É, assim, de certo modo, um procedimento:

uma forma digital (áudio)visual e/ou textual que é apropriada e decodificada pelos usuários [...] trata-se de um “molde comum” ou “modelo formal básico” (FONTANELLA, 2009, p. 09) que é rapidamente assimilado, copiado e repetido, gerando diversas versões e variações do meme que se espalham de pessoa a pessoa de maneira viral (OLIVEIRA NETA, 2017, *online*).

Entre os atributos conferidos aos memes por Shifman é que são informações culturais que passam de pessoa a pessoa e que se transformam em fenômeno social. Segundo o autor, embora disseminados em uma micro base, seu impacto se daria no macro, isto é, em larga escala, moldando o comportamento de grupos:

Eles moldam o pensamento, as formas de comportamento e as ações dos grupos (Knobel & Lankshear, 2007). Esse atributo é altamente compatível com a forma como a cultura é constituída na chamada era

da Web 2.0, marcada por plataformas de aplicativos que facilitam a geração de conteúdos por usuários (SHIFMAN, 2013, p. 365)⁴.

De fato, a enunciação de memes vem ocupando um papel relevante na Internet, sobretudo nas redes sociais. A posição de Shifman sobre a modelagem do comportamento atribuída ao meme talvez faça mais sentido se pensada no complexo das redes sociais e da Internet, ancorada na técnica algorítmica (ver SALGADO; OLIVA, 2019). Isso quer dizer que memes não moldam sozinhos a mente de ninguém, mas fazem parte de uma nova formatação, a do digital. Quem sabe aqui esteja o *homo digitalis*, pensado por Han (2018).

Assim, não haveria sentido pensar o meme descolado de seus lugares de circulação (que são ao mesmo tempo de produção, muitas vezes). Salgado e Oliva (2019), ao estudarem o papel do WhatsApp nas eleições presidenciais de 2018, discutem a apropriação, ancorada na cibercultura, da técnica algorítmica e de como o mensageiro participa como definidor de uma fratura social, instaurando o que os autores chamam de “intimidade ubíqua”:

O vetor de sensibilidade, a semântica que aí se vivifica, é da ordem do íntimo. Nesse aplicativo, propaga-se massivamente o que é recebido e repassado entre próximos. Eis a intimidade ubíqua. Grupos de amigos, de colegas de trabalho, de familiares são fronteiras intransponíveis para a pesquisa, na medida em que não são dados públicos. Diferentemente do que acontece nas chamadas “redes sociais”, no WhatsApp há “grupos pessoais” [...] Eis um modo eficaz de distribuir massivamente um real sem que seja publicamente disputado. Trata-se de compartilhamento, mas de sentidos fortemente controlados. É a cibercultura na sua expressão mais cerrada: em geral, nem sequer se sabe como funciona esse mensageiro; ele é usado sem que se leve em conta, por exemplo, que se trata de um produto de uma empresa, cujo algorítmico regedor atende, por definição, à vocação que determina os fins do próprio negócio (SALGADO; OLIVA, 2019, p. 442-444).

O meme circula por outros espaços, não só no WhatsApp. Aqui importa, portanto, a técnica algorítmica e o modo como ela seleciona e controla os materiais e por onde circulam (em que *feeds*, *timelines*, grupos eles chegarão?). A discussão sobre memes, seus sentidos, produção e circulação não pode perder de vista, portanto, que se trata de uma materialidade discursiva própria desse modelo de interação digital. A modelagem do comportamento não deve ser atribuída, então, somente ao meme, mas à complexa relação do usuário com redes, mensageiros e outros aplicativos e espaços mediada pela técnica algorítmica. Relação da qual os memes fazem parte.

Nesse sentido, há importância singular desse novo modo de enunciação para a comunicação na Web 2.0: em aplicativos de leitura rápida e de tráfego intenso de conteúdo, como Facebook, Instagram, Twitter e mesmo

⁴ Tradução minha para o trecho “*they shape the mindsets, forms of behavior, and actions of social groups (Knobel & Lankshear, 2007). This attribute is highly compatible to the way culture is formed in the so-called era of Web 2.0, which is marked by application platforms for facilitating user-generated content*”.

no WhatsApp, a circulação de memes ocupa um espaço privilegiado e “de sucesso” nessas redes e aplicativos.

Recortam, assim, o momento histórico de sua produção e circulação, oferecendo ao usuário/leitor uma interpretação cômica do real. Configuram-se nos espaços em que circulam na Internet como um enunciado humorístico e que, portanto, oferecem um modo de representação influenciada pelo pertencimento ao campo humorístico (POSSENTI, 2018). Por vezes, funcionam como um argumento rápido para um ponto de vista, desqualificando o oponente. São enunciados humorísticos e que operam com a hostilidade (FREUD, 1977, p. 123) para rebaixar o oponente ou o grupo/indivíduo que figura como tema. É o que ocorre, por exemplo, na figura 3, na qual o protetor silencioso, na verdade nada protege, desempenhando papel nulo ou mesmo de estorvamento, se o que se espera dele é que possa proteger seu país.

Há exemplos, porém, que não se valem da hostilidade, e o processo de produção humorística se dá então sobretudo pela repetição, aliada à nova informação característica do meme:

Figura 4. “né, minha filha?” – mesa de bar



Fonte: Recebida em grupo do WhatsApp (março de 2020).

O enunciado retomado “né, minha filha?” provocou a produção de inúmeros textos⁵. No início das medidas de isolamento social, com o

⁵ O enunciado “solidão, né, minha filha?” foi proferido por Dráuzio Varela, famoso médico brasileiro que tem reconhecido trabalho junto à população carcerária. Em reportagem exibida pelo programa “Fantástico” da Rede Globo, no início do ano de 2020, sobre a situação de pessoas transexuais em presídios, o médico ao conversar com uma mulher transexual, pergunta se havia muito tempo que ela não recebia visitas. Ao receber a resposta, o médico diz “solidão, né minha filha?” e deu um abraço na detenta. O caso teve grande repercussão na mídia, pois logo se revelou que a detenta tinha praticado assassinato e abuso sexual de menor. Muitos textos sobre o episódio foram produzidos e circularam intensamente, em especial por conta da orientação sexual da pessoa entrevistada. Os memes proliferaram obviamente deslocando o sentido da enunciação original.

fechamento de diversos comércios tidos como não essenciais, verificou-se a circulação de textos como o da figura acima, cujos temas giravam em torno da quebra da rotina das pessoas em isolamento, como a ida a bares (caso da figura 4), a cabeleireiros e a escola; o namoro, o sexo e tantos outros elementos do cotidiano. Na próxima seção, outros exemplos dessa “explosão” de textos como o da figura 4 serão explorados. Em todos os casos, o que se verificará é que entre as cenas de enunciação (MAINGUENEAU, 2004; 2015), a cenografia impõe-se como a cena de relevo para os memes.

3 Cenas de enunciação digitais

De acordo com Maingueneau, o conceito de cenas de enunciação permite ao analista observar “ao mesmo tempo um *quadro* e um *processo*”⁶ (2015, p. 117), oferecendo vantagens em relação às noções de “situação de enunciação” e “situação de comunicação”, a primeira de ordem linguística, a segunda de ordem sociológica. A metáfora da cena (inspirada na encenação teatral) permite observar que o “texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é **encenada**”⁷ (MAINGUENEAU, 2004, p. 85). Assim:

O discurso pressupõe certo quadro, definido pelas restrições do gênero, mas deve também gerir esse quadro pela encenação de sua enunciação. Mas, como se verá, a relação entre o quadro prévio e a encenação da fala que a enunciação implica não é a mesma em todos os gêneros de discurso (MAINGUENEAU, 2015, p. 117).

No caso dos textos aqui analisados, a relação da encenação da fala (cenografia) com um quadro prévio (cena genérica) não é nada previsível. É uma das características do meme instituir-se como um texto cuja cena de relevo é a cenografia. Isto quer dizer que não há uma encenação previsível ou instituída por uma cena genérica. Há um elemento oriundo da cena englobante, a comicidade. Mas a cena genérica é fraca⁸. Basicamente, como a publicidade, que exige uma cenografia exógena (cf. MAINGUENEAU, 2015, p. 127) fornece um quadro vazio para que se preencha a cada novo enunciado com uma nova encenação de fala.

Mesmo assim, há regularidades no campo da cenografia, porque os memes funcionam com base na recuperação e por vezes da subversão de algo prévio. Há casos de repetições extremamente fixas, nos quais se alterem pequenas informações. São casos que se podem encontrar em sites que funcionam como “fabricadores” de memes e altera-se somente as informações verbais, como mostram as figuras 5 e 6:

⁶ Grifos do autor.

⁷ Grifo do autor.

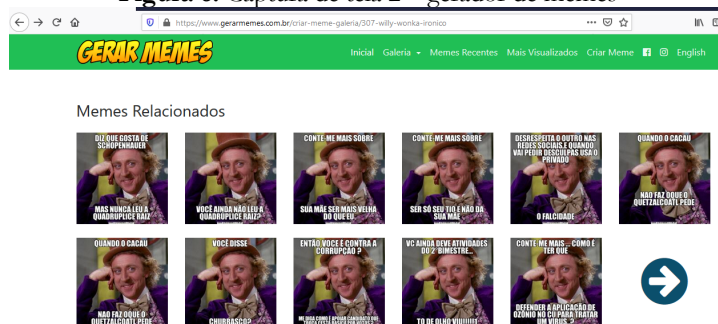
⁸ Embora se trate de uma classificação problemática, não vou me deter na caracterização de meme como gênero. Vou apenas assumir, mesmo que provisoriamente, que se trata de um gênero.

Figura 5. Captura de tela 1 – gerador de memes



Fonte: <https://www.gerarmemes.com.br/criar-meme-galeria/307-willy-wonka-ironico>
Acesso em 12 ag. de 2020

Figura 6. Captura de tela 2 – gerador de memes



Fonte: <https://www.gerarmemes.com.br/criar-meme-galeria/307-willy-wonka-ironico>
Acesso em 12 ag. de 2020

O humor se dá nesse tipo de texto na articulação do novo com a repetição. No caso de textos como os das figuras 5 e 6, a fotografia é o que se repete e a informação verbal se altera. A cenografia constituída pelo rosto de um personagem de um filme (Willy Wonka de “A Fantástica Fábrica de Chocolates”, de 1971) olhando para um possível interlocutor de forma irônica se articula com a informação verbal que completa o sentido do texto e pode provocar o riso.

Os dados da pandemia que gostaria de comentar não seguem, no entanto, esse padrão. Trata-se de outra forma de produção. Figuras e parte verbal diferem substancialmente nos memes que ficaram conhecidos como “Dráuzio sincero”⁹:

⁹ Para exemplificar a alta propagação desses textos, conferir a matéria “Fotógrafo cria página “Dráuzio Sincero” com memes da quarentena”, disponível em <<https://amp.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/fotografo-cria-pagina-drauzio-sincero-com-memes-da-quarentena>> acesso em 13 de ag. de 2020.

Figura 7. Guilhotina



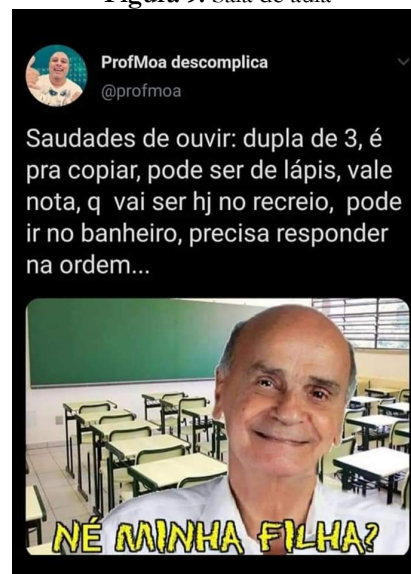
Fonte: Recebida em grupo de WhatsApp

Figura 8. Bar



Fonte: recebida em grupo de WhatsApp

Figura 9. Sala de aula



Fonte: recebida em grupo de WhatsApp

Como anunciado anteriormente, o efeito humorístico deriva da vinculação de uma informação nova e de algo que se repete. No caso das figuras 7, 8 e 9 (além da 4), a repetição é a frase “né, minha filha?” e uma fotografia de Dráuzio Varela. Esses são os dois elementos que servem como lastro de memória que levam o interlocutor às enunciações anteriores retomadas em todos os textos “Dráuzio sincero”. O restante se altera em cada novo texto.

Na figura 7, o rosto de Bolsonaro ocupa o lugar do rosto de Luís XIV, em famosa pintura. O texto remete à participação de Bolsonaro em atos antidemocráticos, ocorridos no dia 19 de abril do no de 2020. Tais atos causaram aglomeração em meio à grave crise de saúde causada pela pandemia de COVID-19. As manifestações pediam intervenção militar e o fechamento do Supremo Tribunal Federal. Bolsonaro discursou para manifestantes em uma das manifestações ocorridas em Brasília. No dia seguinte à participação nesses atos, o presidente disse em declaração à imprensa, que respeitava a democracia e a liberdade, afirmando ainda que “eu sou, realmente, a constituição”¹⁰. O meme sobrepõe a figura de Bolsonaro – uma de suas poses de riso mais icônicas e retomadas por adversários – sobre a figura de Luís XIV, este que teria dito “o estado sou eu”. O texto, em sua segunda parte, afirma que a guilhotina faz falta, numa alusão ao modo como morreram membros da monarquia francesa, embora o rei deposto e decapitado pela revolução tenha sido Luís XVI – nem sempre os lastros de memória são precisos...

Mesmo com a imprecisão, a referência à monarquia francesa é clara, visto que se parodia a pintura de um rei francês e se faz menção à guilhotina. Estamos no terreno da memória, e os memes são, de certo modo, uma encruzilhada, na qual se mostra a filiação a uma memória discursiva e também na qual se expõe a necessária memória cognitiva do leitor. Além disso, remete também a uma memória que é coletiva, na medida em que é compartilhamento de dizeres que se repetem e são compartilhados por uma determinada comunidade discursiva. Nas palavras de Moirand, ao tratar da memória interdiscursiva midiática:

Teria, de fato, uma tripla ancoragem, discursiva em primeiro lugar, e portanto histórica, pelos traços de suas próprias inscrições, bem como cognitiva (no que se refere à memória individual) e social (pelo que vem da memória coletiva). Faculdade psico-cognitiva, permite ao sujeito recordar-se de um enunciado e inscrevê-lo em seu discurso, mas também reconhecê-lo e associá-lo a outros enunciados ou outras figuras armazenadas na memória (MOIRAND, 2008, p. 26)¹¹.

Cruzam-se, na figura, memória coletiva e individual (na repetição da figura de Dráuzio Varela, de sua fala, na paródia da pintura e no enunciado de

¹⁰ Ver <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml>. Acesso em 18 de agosto de 2020.

¹¹ Tradução minha para o trecho: “elle aurait de fait un triple ancrage, discursif en premier lieu, et donc historique, par les traces de ses propres inscriptions, mais également cognitif (pour ce qui est de la mémoire individuelle) et sociale (pour la part qui lui vient de la mémoire collective). Faculté psycho-cognitive, elle permet à un sujet de se remémorer un énoncé et de l’inscrire dans son discours, mais aussi de le reconnaître et de l’associer à d’autres énoncés ou d’autres images stockées en mémoire”.

Bolsonaro) com a memória discursiva – “que falta faz uma guilhotina” – que marca um posicionamento de oposição a Bolsonaro, pela alusão à eliminação do oponente (guilhotina), ao mesmo tempo que rememora a discursividade em torno das revoluções e da violência associada a elas.

Passando para o texto seguinte, figura 8 e 4 se assemelham em termos de efeitos de sentido. O que se lamenta é a impossibilidade de ir a bares. Ainda que cenograficamente a figura 4 seja mais complexa, porque se espera um trabalho de memorização do leitor para que associe o elemento iconográfico (fotografia da mesa de bar) ao que exatamente está fazendo falta (a ida a bares). Além disso, na figura 8, o bar, por ser aludido apenas verbalmente, não seleciona um tipo específico, enquanto, em 4, trata-se de um bar específico, mais simples, dos que usam mesas de plástico, geralmente encontradas em botecos de bairros. É, de algum modo, o hábito bem corriqueiro que se rememora e se lamenta por ser impossível de realizar no contexto da pandemia, muito comum entre trabalhadores, sobretudo homens, que vão a bares deste tipo em finais de tarde ou início da noite, logo após saírem de seus trabalhos.

Já na figura 9, há diversos enunciados típicos de situações de aula que, aliadas à figura de uma sala, reforçam a saudade da escola e das situações típicas desse ambiente. É interessante que os enunciados típicos desse contexto retomados pelo texto estejam no modo afirmativo, pois em geral se trata de perguntas efetuadas por alunos. Embora recebido em grupo do WhatsApp, o meme deixou o rastro de uma possível autoria, a página do Facebook “ProfMoa Descomplica”: “organizada pelo Prof. Moacir destinada a divulgação de duas ciências importantíssimas para o desenvolvimento da sociedade, a química e a biologia. Uma linguagem descontraída para levar até você tudo sobre Ciências Naturais”¹². Essa possível autoria reforça a ideia de que se trata de um locutor professor com saudades de seus alunos e de suas falas por vezes ingênuas, por vezes desconcertantes (“é pra copiar?”).

Como alerta Maingueneau, na Web, “é a cenografia, a encenação da informação, que tem o papel chave; ela mobiliza, além disso, maciçamente, os recursos multimodais (figura fixa ou móvel, som) e as operações hipertextuais” (MAINGUENEAU, 2015, p. 162). O enfraquecimento da cena genérica é, segundo ele, típico. É o que ocorre nos exemplos arrolados. Trata-se, de tal modo, da imprevisibilidade da configuração textual que ora seleciona uma pintura, ora uma fotografia, ora privilegia informações verbais etc.

Mas o interessante é que nem tudo é imprevisível. “Né, minha filha”, como um bordão de algum humorista famoso (“nojento”, de Tião Macalé; “e o salário, ó!”, do personagem Professor Raimundo) é repetido à exaustão junto ao corpo/rosto sorridente de Dráuzio Varela que, além de mostrar que se trata de algo risível, constitui-se como o locutor a quem se atribui a enunciação do meme, até mesmo com balões típicos de HQs, como na figura 7. Longe, entretanto, do acaso, a presença constante da fotografia do famoso médico carrega todo seu capital simbólico alcançado por anos de exposição midiática. Ou seja, a atribuição do dito ao locutor Dráuzio Varela impõe mais do que somente o semblante sorridente, mas também sua autoridade médica. Sua figura realça, pois, o discurso médico frequente no período da pandemia.

¹² Ver <https://www.facebook.com/profmoadescomplica>. Acesso em 13 de ag. de 2020.

Os memes “Dráuzio sincero” operam um recorte do real, primordialmente, a partir da impossibilidade de realizar tarefas e hábitos do cotidiano. Embora se possam fazer outras análises (sociológicas, antropológicas...) sobre os hábitos elencados nos textos, o privilégio dado é para o incômodo com a impossibilidade de realizar tais ações cotidianas. O texto que desvia, nos exemplos que trouxe, é a figura 7. Esta figura entre os memes hostis (ressalte-se a figura “desfigurada” do riso frouxo de Bolsonaro e a guilhotina), de alguma forma militante, ridicularizando e expondo o caráter antidemocrático do mandatário do país. Mereceu, deste modo, uma análise mais aprofundada pela complexidade de sua cenografia. Frise-se, portanto, a importância dessa cena na constituição das cenas de enunciação desses enunciados.

4 Conclusão

Entre os vários aspectos dessa particular enunciação que é o meme, foi possível observar que a cenografia ocupa um papel de relevância na produção de sentidos dos textos. Além disso, trata-se de uma cenografia imprevisível, embora haja elementos necessariamente repetidos e retomados.

No contexto abordado por este artigo, o início da pandemia, os memes mostram uma abordagem cômica do real na qual prevalece a impossibilidade de realizar tarefas e manter hábitos do cotidiano: os relacionamentos amorosos, as situações de sala de aula e a ida a bares. A condução das medidas de combate à pandemia pelo governo federal é, em uma menor escala, tema de memes coletados no período.

Ficou evidente que há textos mais hostis que funcionam como rebaixadores de um oponente, no caso o presidente e suas ações; e há os que são mais “inocentes”, se se quiser retomar a terminologia de Freud. Os primeiros podem funcionar, também, como argumentos rápidos e satíricos de desqualificação daquilo que rebaixam.

De todo o modo, dada a apropriação da técnica algorítmica que ficou exposta na primeira seção e mesmo à nova configuração social narcisista (ou extremamente narcisista) impulsionada pelo digital a que Han (2018) faz referência¹³, fica o trabalho a se fazer sobre qual o alcance de memes desse tipo fora das bolhas impostas e auto impostas.

Destaque-se ainda outro ponto não abordado, ou abordado tangencialmente, que é a problemática do mídiu (MAINGUENEAU, 2006). Parece relevante que estejam abarcados nas análises das textualidades digitais ou navegantes (MAINGUENEAU, 2015) os espaços (dispositivos, aplicativos etc.) onde circulam esses textos e como isso pode provocar efeitos de sentido diversos (intimidade no WhatsApp? Publicidade controlada, no Facebook?). Fica, portanto, o trabalho a fazer; que não é pouco...

¹³ Han considera que “a nossa sociedade hoje se torna cada vez mais narcisista. Mídias sócias como o Twitter ou o Facebook acentuam esse desenvolvimento, pois elas são mídias narcisistas” e nas quais, acrescento, a tendência é a busca pelo igual. Fica o diferente longe da crítica exposta.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- HAN, B.C. **No enxame: perspectivas do digital**. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.
- MOIRAND, S. Discours, mémoires et contextes: à propos du fonctionnement de l'allusion dans la presse. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista. v. 6, n. 1. p. 7-46, 2008. DOI: 10.22481/el.v6i1.1055. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1055>
- OLIVEIRA NETA, J. P. Por uma Tipologia dos Memes da Internet. **Entre.meios: revista da Pós-Graduação em Comunicação da PUC-RJ**. Vol. 13, N. 2, jul-dez./2017. Disponível em: <http://entremeios.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=19>. Acesso em: 07 de agosto de 2020.
- POSSENTI, S. O humor é um campo. In: _____. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.
- SHIFMAN, L. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. **Journal of computer-mediated communication**. Vol 18 N. 3, 2013, P. 362 - 377, 1 abril 2013. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcmc/article/18/3/362/4067545>. Acesso em: 07 de agosto de 2020.
- SALGADO, L. S.; OLIVA, J. M. A produção de uma intimidade ubíqua, esteio da fratura social. **Discurso & Sociedad**. v. 13, n. 3, p. 432-448 2019. Disponível em: <http://www.dissoc.org/ediciones/v13n03/DS13%283%29SalazarSalgado&TadeuOliva.pdf>. Acesso em: 07 de agosto de 2020.

Recebido em 18 agosto de 2020.

Aceito em 5 de outubro de 2020.

Publicado em 30 de novembro 2020.

SOBRE O AUTOR

Márcio Antônio Gatti é doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professor do Departamento de Ciências Humanas e Educação e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), *campus* Sorocaba. Estuda discurso humorístico e funcionamento das mídias digitais e redes sociais. É membro do Grupo de Pesquisa Fórmulas e

Estereótipos, Teoria e Análise (FEsTA – Unicamp) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Cultura e Sociedade (NEPeTeCS – UFSCar).

E-mail: maggatti@ufscar.br

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9902-2856>